Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANARIO

ANO III - N.º 134 - Preço 5\$00 - 15/2/79

Poder Local no Distrito de Aveiro

Entrevista ao Dr. COSTA E MELO

O nome do Dr. Manuel Costa e Melo tornou-se conhecido de muita gente no distrito de Aveiro durante os últimos dois anos, e isto porque tem vindo a exercer o cargo de Governador Civil. Recentamente, e na sequência da tomada de posse do governo de Mota Pinto, o Dr. Costa e Melo apresentou a sua demissão, pelas razões, lógicas, que adiante explica.

Mas Costa e Melo não foi um nome surgido do nada, das transformações e das confusões de Abril. Democrata de sempre, com uma acção cívica e política de contestação ao salazarismo durante dezenas de anos - motivo porque foi até afastado do seu lugar de notário — Costa e Melo viveu intensamente os anos de oposição, tendo militado no MUD e tomado parte activa nas campanhas de Norton de Matos e de Humberto Delgado. Recorde-se que nesses anos já distantes, o Dr. Costa e Melo discursou em algumas sessões públicas em Espinho, no cinema S. Pedro e no Salão do Nosso Café.

Ligado também aos Congressos Republicanos que se realizaram em Aveiro, aparece como fundador da Acção Socialista Portuguesa e, mais tarde, do Partido Socialista, que representou como deputado na Assembleia Constituinte.

Enquanto Governador Civil de Aveiro, sempre se interessou pelos problemas de Espinho, que visitou diversas vezes, tendo justificado da parte da Câmara a manifestação do apreço pelo trabalho que desenvolveu e a reafirmação da confiança na sua acção, quando da formação do Governo Nobre da Costa.

O Dr. Costa e Melo, embora na situação de demissionário, pois aguardava que o governo aceitasse o seu pedido de demissão, dispôs-se a atender a nossa solicitação de uma entrevista em que analisasse diversas questões que gostaríamos de lhe pôr no momento em que irá deixar a chefia do distrito.

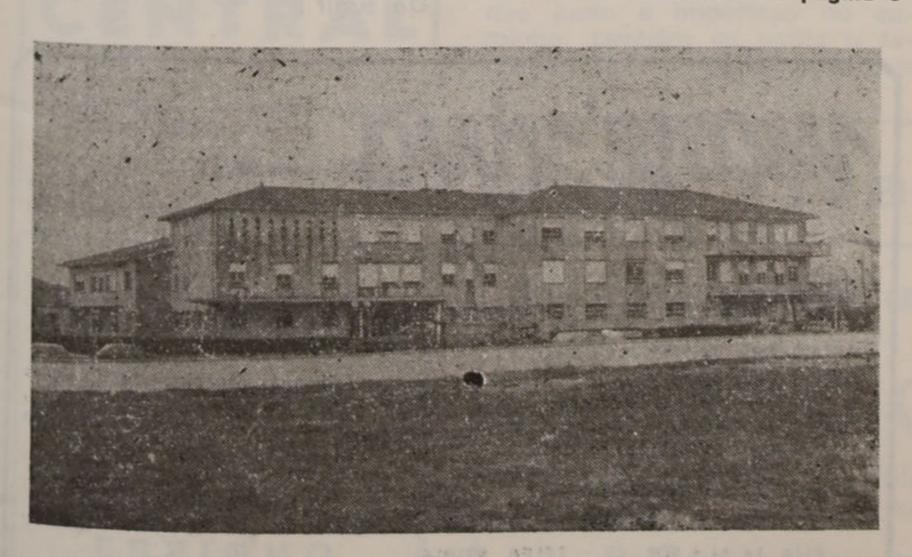
Quais são as razões da sua demissão ?

Já em 29 de Agosto do ano passado, após o empurrão que

fez cair o segundo governo constitucional, eu pus o meu cargo de governador civil à disposição do Senhor Ministro da

Hospital sem obras

A notícia caiu com algum impacto no hospital: as desejadas e previstas obras de remodelação geral do velho edifício já não vão fazer-se. Em fins de 77 informávamos com satisfação que acabava de ser decidido pelas entidades responsáveis que o hospital de Espinho iria ser grandemente melhorado, com novas instalações para Saúde Materna, Saúde Infantil, Estomatologia, Medicina do Trabalho, Posto de Radiologia Geral, Electrocardiografia, Pediatria, etc. As obras permitiriam mesmo que o Centro de Saúde e os Serviços Médico-Sociais passassem a funcionar junto do hospital. Afinal, um ano depois é a negação das promessas feitas, o fim, para já pelo menos, de algumas ilusões de quem tem apostado num hospital que sirva cada vez melhor a população. E esta é que continua a ser verdadeiramente atingida nos seus justos direitos. continua na página 8



Para já, o Hospital fica assim. Para o ano se verá se há obras...

Administração Interna, numa atitude que corresponde à velha e salutar praxe democrática. Por razões que não me compete apreciar fui mantido no cargo durante a efémera vigência do III Governo e, até agora, do IV.

Nunca pensei, ao tomar posse, em Setembro de 1976, que estaria tanto tempo à frente do distrito que é o nosso. Militante disciplinado do P.S., de que sou um dos fundadores, aceitei o cargo, não a convite do Governo de então mas como tarefa partidária. As razões militantes desapareceram e surgiram outras, menos do coração mas válidas que me levaram a continuar.

Ultimamente, por necessidade de ajustamentos políticos, surgiu a oportunidade e, tal como já tive ocasião de declarar publicamente, razões de natureza pessoal ligadas à minha vida profissional de notário em proximidade de reforma e também políticas, levaram-me a pedir a minha demissão. As razões de natureza política situam-se, sobretudo, na área do desejo de poder colaborar, sem peias oficiais e com perfeita liberdade de acção, nos períodos elei orais que se avizinham. Neles a militância tem que ser integral e neles o exercício de uma função de tutela poderia travar impulsos legitimos de ataque, o que contrariaria, a serem desencadeados, a isenção que sempre defendi e procurei praticar num cargo da natureza e melindre daquele que exer-

continua na página 4

PESCA VAI Quem vai ficar indiferente

A Secretaria de Estado das Pescas tem uma delegação em Matosinhos. Seria a entidade competente, e por isso a contactámos, para nos esclarecer quanto as fórmulas previstas por aquele departamento do MAP para o apoio financeiro, ou de outro tipo, à pesca artesanal.

Mas que não, que ali em Matosinhos só há uma secção de Lotas e Vendagens, que isso de financiamentos só falando com a sede em Lisboa. Insistimos, dissemos que não estávamos a pedir dinheiro, que era só uma informação. O senhor, sem culpa nenhuma, mandou-nos ter com Lisboa porque ali não sabiam de nada. Ali só Lotas e Vendagens, que deve ser, deduzimos, um serviço de fiscalização e tributação de impostos.

Claro que não fomos a Lisboa, mas ficámos com uma ideia do modo como está protegida a pesca, de como deve ser coisa fácil ir arrancar um financiamento à capital, ou não seja Portugal um país pequeno.

A companha de Espinho, informámos há oito dias, está parada. Pior, o mais certo é deixar de haver companha em Espinho, a menos que apareça à última hora alguém disposto a arriscar algum do seu na esperança de que a temporada seja boa.

Haverá quem diga que é este o futuro que está reservado à pesca artesanal, mais ano, menos ano. Não contestamos o vaticínio, de tal modo se têm vindo a agravar as condições em que se desenrola essa actividade e tão pouco interessados se mostram os departamentos governamentais em apoiá-la. Mas o que não se aceita é que tenha já chegado a hora da companha acabar, a hora em que já não interressa a Espinho. A companha deve continuar pelo menos enquanto tiver interesse económico (a do ano passado abasteceu Espinho com 2.500 contos de peixe), enquanto tiver interesse social (há ainda muita gente cuja subsistência depende da companha), en-

quanto tiver interesse turístico (e este é um argumento a que os pescadores se agarram com grande vigor) e, sobretudo, enquanto houver homens (há pelo menos trinta e cinco e haveria mais se outras companhas houvesse) dispostos a trabalhar na pesca.

Se a companha pode ter viabilidade económica e merecer um financiamento da SEP ou outra entidade, se para isso é preciso que as gentes da pesca apresentem projecto económico se, por outro lado, a companha pode ser considerada de interesse turístico e como tal justificar como qualquer empresa turística o apoio de verbas do Turismo, são hipóteses que vale a pena considerar, estudar.

A Assembleia Municipal, o Conselho Municipal e a própria Câmara podem, devem ter uma palavra a dizer. Para que, ao menos, não se venha a argumentar depois que a companha acabou porque o poder local ficou indiferente à sua sorte.

A SOLVERDE MOSTRA O JOGO

No seguimento do que temos vindo a escrever sobre a Solverde, pretendemos chamar hoje a atenção para o deslizar da SOLVERDE, em determinada direcção, num desvio que se tem afirmado cada vez com maior nitidez, cada vez mais contrária aos interesses do concelho dando razão à irresistível força do tempo no desnudar da verdade. E isto sobretudo pelas responsabilidades assumidas por aquela empresa quando da sua formação, em nome da propalada «defesa dos interesses de Espinho».

É que contrapondo às boas intenções, sopradas aos quetro ventos, do movimento que formaria a empresa concorrente à exploração do Jogo, bem manifesta na propaganda inicial e expressa com clareza no Relatório de Contas de 1975, nestes termos: «...Isto não admirará se recordermos que nas assembleias que precederam a constituição da sociedade se definiu, claramen'e, que a SOLVERDE surgiria como verd'adeiro grito de alerta de um grupo de espinhenses inconformados perante a passividade com que (dezenas de anos) a nossa terra tinha sido espoliada de uma fonte de receitas que, bem encaminhadas, poderiam ter contribuído, há mais tempo, decisivamente para o engrandecimento de algumas estruturas da nossa terra.»;

contrapondo, dizíamos, a este cenário as obrigações reversíveis para os sócios, estas não são assim tão insignificantes que se possam esconder.

Negócio é negócio, dir-se-à, mas muito boa gente proclamava que não queria um centavo do dinheiro da SOLVERDE, pois era tudo, tudo para a terra. Mas o dinheiro é tão lindo, o maganão, e aquela roleta sempre a girar, vertiginosamente, impudicamente (é pr'á casal) deve ter contagiado as pessoas. Principalmente os que têm a parte de leão, porque espinhenses houve que colaboraram modestamente convencidos de que era sobretudo para beneficio da terra. Hoje, já viram que lhes coube apenas o papel de ajudar a «fazer jogo» e que havia «cartas na manga».

E, para a gente entender, expliquem-nos aquelas decisões aprovadas em Assembleia Geral, de desdobrar as Acções da SOLVERDE (por cada uma dão seis, ao que se apregoa) e de alargar a actividade da Empresa fora da Zona de Jogo de Espinho, em manifesta contradição com o desinteresse e o bairrismo das primeiras horas.

E já agora contem aí, como se justifica à luz do tão apregoado amor à terra, o recurso apresentado, pela actualização da verba a entotal on sa-ob

continua na página 8

Eleições no Liceu

Amanhã vai haver eleições para a Associação de Estudantes da Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira. Após um período em que a vida associativa estudantil tem sido praticamente inexistente naquele estabelecimento de ensino, são quatro as listas que se candidataram a representar os estudantes.

Para além das listas B e D, que não parece terem grande representatividade, aparece a lista A, que é afecta à JSD, defendendo a competência, a honestidade e o trabalho. Talvez por isso mesmo, exalta a

acção da Direcção da Associação anterior, talvez por ela se ter revelado claramente incompetente e por ter revelado um intenso trabalho... de gabiente que ninguém viu. Para além disso, limita-se a referir indefinidamente as vantagens da T.E.R. (Tendência Estudantil Reformista).

A lista C, formada por independentes, toma posição perante vários aspectos da vida da Escola e propõe-se uma intervenção activa nos domínios cultural, desportivo e de convívio.

RIFAS DA NASCENTE

22.ª Semana — Extracção de 8/2/79

224	1.000\$00	Iria Lopes
024	100\$00	Carlos Luís Pereira Pinto
124	100\$00	Maria Isabel Resende Pereira
324	100\$00	Alcino Valente
424	100\$00	Joaquim Pinto Moreira da Costa
524	100\$00	Graça Guedes
624	100\$00	G.A.N.
724	100\$00	António Fernando de Sousa
824	100\$00	Augusto Marinho da Mota
924	100\$00	Madília Braga Dias

Representante dos Utentes no Hospital

Foi recentemente empossado no seu cargo o representante dos utentes na Comissão Instaladora do Hospital de Espinho. Trata-se de Manuel Moreira dos Santos, homem de prestígio junto dos largos sectores da população, nomeadamente as camadas populares.

Primeiramente indicado para o cargo por proposta do Conselho Municipal, Manuel M. Santos, viu o seu nome ser aceite por uma larga maioria de quantos trabalham no hospital e no Centro de Saúde, pois a esses coube fazer a eleição definitiva. E as manobras

várias com que se tentou impedir uma voz popular de ter assento no hospital — e que foram desde uma campanha surda mas intensa contra ele, até ao aparecimento tardio de um «voluntário» para o cargo, por sinal ligado ao PPD — não conseguiram mais do que dar uma ainda maior força de intervenção ao representante dos utentes, eleito por 52 votos contra 12.

E num momento em que o hospital vive situações de uma certa intranquilidade é de esperar que do esforço de todos saiam, afinal, os benefícios que se pretendem.

UTILIDADES DOMÉSTICAS FERRAGENS AGLOMERADOS DE MADEIRA FERRAMENTAS
BANCAS EM AÇO INOX
LAMINADOS (fórmica)

Central de Ferragens de Espinho, L.da

AGENTES DA BLACK & DECKER

Rua 12 n.º 618

ESPINHO

NÓS E O LEITOR

Como leitor do V. Jornal, venho por esta rogar o favor de por vosso intermédio pedir á Câmara de Espinho me informar do seguinte: precisei utilizar como passageiro uma camioneta da carreira de Lamas que sai do Carrascal às 14 horas e trinta minutos com destino a Espinho no dia 29-1-79. Esta carreira termina na Rua 20 esquina da 23, mas desta vez chegou ao Hospital e mete para a Rua 24 (estacionamento das camionetas em dias de feira). Convém esclarecer que eu tomei uma camioneta da carreira e não uma camioneta que ia para a feira.

Perguntei ao chaufer a razão que levava ele não seguir com a carreira, ao que ele me disse que obedecia a ordens dos seus superiores. Ao descer da camioneta, deparei com um senhor chamado Joaquim que sendo perguntado porque a carreira não ia à Rua 20 me respondeu que isso era com a Câmara, que eu lhe fosse perguntar, porque ela é que sabia.

Acontece que acabo de utilizar a mesma carreira que faz o mesmo percurso hoje, isto é segue para a Rua 24 por trás do Hospital. Como comentasse ter de fazer o resto do percurso a pé e a chover, ouvi de um passageiro que também seguia na mesma camioneta: «meu amigo é comer e calar porque eles já dizem que o vinho já começa a ser de outra pipa».

Eis Sr. Director o favor que desde já muito agradeço

Álvaro Caetano dos Santos

Podemos informar os nossos leitores que, segundo conseguimos apurar, não há efectivamente autorização para as empresas circularem no interior da
cidade, pois isso prejudicaria
o normal fluxo do trânsito. As
transportadoras interessadas já
tentaram fazer alterar esta determinação, mas a Câmara não
atendeu à sua pretensão, apoiando-se no referido inconveniente.

De novo a Escola e o Marquês

A nova escola secundária continua sem nome, ainda que o processo já tenha atingido altas esferas do M.E.I.C., que ditará o seu parecer. Como já tínhamos referido em número anterior, parece que o nobre marquês da Graciosa vai ter o seu nome estampado naquele estabelecimento de ensino. Isto porque os professores, só os professores, votaram em maioria naquela alta personalidade, através de listas penduradas na parede da sua sala de convívio, onde pespegaram com a sua assinatura.

Permitimo-nos contudo pôr algumas questões:

1 — Porquê só coube a decisão aos professores e se ignoraram os alunos?

2 — Não serão muitos dos professores alheios a Espinho?

3 — Não parecerá um pouco estranho enviar para o M.E.I.C. uma lista com os nomes bem escarrapachados dos apoiantes das diversas alternativas? Por-

que não se enviou só o resultado numérico?

4 — O M.E.I.C. decide, sem conhecer a história de Espinho, ou ratifica a decisão do corpo docente?

5 — Os órgãos de poder local não têm nada a ver com o assunto?

6 — A população de Espinho será alheia a que um seu estabelecimento de ensino se chame A ou B?

As perguntas fizeram-se. E as respostas ?

Se calhar teremos que nos contentar com o despacho seco e oficial do Ministério a informar que a escola secundária passará a ser Escola do Marquês da Graciosa. Será que o bom-senso cairá perante processos um tanto rebuscados e irreflectidos? E até não nos admiraríamos muito se, qualquer dia, aparecesse por aí uma importante estátua do Marquês, com barbas e tudo.

FARMÁGIAS

Quinta — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352 Sexta — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331 Sábado — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250 Domingo — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320 Segunda — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092 Terça — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352 Quarta — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331

Colóquio de Saúde

Cerca de meia centena de pessoas assistiram na passada sexta-feira no Salão da Piscina ao colóquio organizado pela Nascente e orientado pelo Centro de Estudos e Intervenção para o Socialismo, subordinado ao tema «Que Saúde para os Portugueses?»

Intervieram no colóquio os médicos Francisco Damas, Carmo Leal, Emílio Peres e Virgílio Moreira, o primeiro membro de uma autarquia local e os restantes pertencentes ao Movimento de Intervenção da Saúde.

Em primeiro lugar o Dr. Francisco Damas que chamou a atenção para situações bastante comuns no nosso país em que não existem infraestruturas sanitárias que permitam uma vida saudável para as populações. A projecção de alguns «slides» ilustrou a descrição dessas situações que afectam sobretudo as camadas mais desfavorecidas, os habitantes dos bairros da lata e de outras zonas degradadas.

O tema «Medicina no Trabalho» foi abordado pelo Dr. Carmo Leal que defendeu a integração do «médico de empresa» no Serviço Nacional de
Saúde e o desenvolvimento da
medicina preventiva no campo

CENTRO DE ENFERMAGEM DE ESPINHO Rua 16 n.º 868

Todo o serviço de enfermagem no Centro e ao domicílio. Aluguer de oxigénio e camas articuladas

Horário: 9 às 12,30 e 14,30 às 19 h. Sábados, Domingos e Feriados das 10 às 12 h. Telefones 921587 e 922329 do trabalho.

Seguiu-se o Dr. Emílio Peres que se referiu de um modo geral à importância da medicina preventiva que até agora tem sido projectada para segundo plano.

No seguimento desta ideia o Dr. Virgílio Moreira salientou que nenhum dos projectos para o S.N.S. contempla devidamente a medicina preventiva, contrariando o disposto na Constituição. A proposta do PS, apesar de incluir nos seus princípios a necessidade de se praticar fundamentalmente medicina preventiva, acaba por não prever medidas práticas nesse sentido. Quanto aos projectos do CDS e do PPD, não alteram positivamente a situação actual, são tradicionalistas virados sobretudo para a medicina curativa.

Seguiu-se, a terminar, um animado diálogo com a assistência.

Dia 15, Quinta-feira

A INGÉNUA

M/ 18 anos

na melhor das suas intenções ia ver esta comédia infeliz que recorre repetidamente à piada parva e grosseira. Como a partir daqui ficam alertados para o facto, se alguém mantiver ainda o propósito de a ir ver, deixará então de ser ingenuidade para passar a ser masoquismo. Ou não é?!

Dia 16, Sexta-feira
O CIRCULO VERMELHO

M/ 13 anos

Depois de tanta fancaria que por aí temos visto afirmando-se «dos melhores do policial francês», é com um particular agrado que registamos a reposição de uma das obras de Jean Pierre Melville. Este sim, merece toda a admiração dos entusiastas do género policial, (tanto em cinema com em livro), pois só ele, na sua arte, se poderá pôr em eventual comparação com o extraordinário George Simenon. É recomendável não perder.

Dia 17, Sábado

ENCONTRO COM O DESTINO

M/ 13 anos

...é o nosso que, apesar de muito lutarmos contra isso, temos de aturar, até sei lá quando, estes intragáveis melodramas indianos. Uma coisa horrorosa!

Dia 18, Domingo

CRUZEIRO PARA O INFERNO

M/ 13 anos

Num navio que tem a bordo um casino clandestino em funcionamento embarca um grande número de milionários e outras pessoas ligadas à alta finança. A partir dessa situação desenrolam-se várias peripécias que, se fossem bem dirigidas, poderiam dar no conjunto um interessante filme de aventuras. Como tal não aconteceu, estamos perante uma coisa bastante fraca e de nenhum interesse. Ou melhor, um filme foleiro. Com ou sem Richard Harris.

Dia 20, Terça-feira

OS FILHOS DE NINGUÉM

M/ 18 anos

Nesta questão de reposições, deve-se registar que muito de bom temos tido oportunidade de ver de novo. Sem dúvida. Mas por outro lado, querem impingir-nos do piorzinho que por aí se tem feito. Vem isto a propósito desta fita com Amadeo Nazzari que, na altura em foi estreada, conseguiu pôr a chorar os paralelos da rua. Ou seja, em choradeira deve bater (o que é difícil) os indianos das historietas da «desgraçadinha». Ora faça só lá uma ideia. De fugir!

mane vina

Director :
ANTÓNIO SANTOS

Redacção :

RUA 62 N.º 251 - 1.º TEL. 921621 — ESPINHO

SEMANÁRIO
Propriedade:

NASCENTE - COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

António Santos, João Barrosa, Joaquim Fidalgo, Moreira da Costa e Victor Sousa (redactores); Ana Maria, Augusto Mota, Casal Ribeiro, Dário Capela, Eugénio Morais, Jorge Santos e Manuel Fernando (colaboradores de redacção).

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES - COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.
RUA 14 N.º 903 - TELEF. 921016

PARAMOS: Para 79 o que 78 não trouxe

O plano e o orçamento ordinário para 1979 da Junta de Freguesia foram aprovados pela Assembleia de Freguesia,. Com estes pontos na ordem de trabalhos reuniu-se a Assembleia que, desta vez, contou com a presença dos três elementos da Junta. Esta, porém, não apresentou plano de actividades. Assim o entendeu e assim demonstrou não querer ir ao encontro de anseios da população, fixando-os só num plano de intenções. De certo modo, têm razão os senhores da Junta. É que continua a não saber-se de antemão com o que se conta: a aplicação da Lei das Finanças Locais não se descontina; o presente Governo, ao que parece, não está muito interessado em facilitar a vida às Autarquias. De qualquer modo, os cidadãos paramenses gostariam de conhecer que projectos tem para a sua Freguesia a actual Junta.

Assembleia e Junta, de mãos dadas, lá estabeleceram uma ordem prioritária de obras, que não é mais do que ficou aprovado no ano transacto: 1 - Estrada das Poças (asfaltar cerca de 100 metros de ligação da Avenida da Igreja às Poças); 2 — Pontão do Sabolão (construir novo pontão sobre o rio, no lugar dos Moinhos, com acesso em degraus); 3 - Asfaltar o caminho velho, desde o cruzamento da Corredoura ao cruzamento da Lavoura; e 4 — Eliminar o estrangula-

Festa Infantil

No Salão da Junta de Paramos, realizou-se na 6.ª feira de manhã uma festa que reuniu duas centenas de crianças entusiásticas. A iniciativa, integrada no Ano Internacional da Criança, foi promovida pela associação Ajuda e por um grupo de jovens de Paramos e contou com a actuação do grupo de teatro infantil «Os Saltimbancos».

SOCIEDADE

MACHAS COPILTEX

Cenfecçãe de Malhas para Criança e Adulto

Rua 22 n.º 1200 Apartado 76 **ESPINHO**

Talho e Charcutaria CENTRAL

Servir bem - Boas carnes

Rua 15 n. 268 - ESPINHO

FONSECA

TECIDOS - MODAS

Rua 19 n.º 275 Telef. 920413 ESPINHO

mento na parte sul das estradas dos Loureiros.

O orçamento saiu aprovado por maioria, com apenas uma abstenção. Registe-se apenas uma alteração. Por proposta apresentada pelo elemento da LIP, Alcino Sá Fernandes, foi aprovada a criação de uma rubrica com verba própria, destinada às futuras instalações desportivas da Junta de Freguesia.

A Assembleia seguiu atentamente as informações prestadas pelo Presidente da Junta, João Baptista, representante da Freguesia na Assembleia Municipal, sobre as obras aprovadas naquele órgão e a realizar em Paramos pela Câmara. Estas, segundo aquele representante, respeitavam já a compromissos da Câmara no ano passado: — canalização para as águas pluviais no Barril, desde a estrada 109 ao cruzamento da Corredoura; arranjo da estrada da Sr.º da Guia ao cruzamento da Corredoura; arranjo do arraial da Igreja; e aquisição

do terreno junto à Capela da Sr.ª da Guia, para parque.

Os representantes do PPD, José Pacheco e José Carvalho, levantaram algumas questões respeitantes ao Aeroclube e a alguns caminhos da Freguesia, cujos buracos carecem de ser tapados, e o representante da LIP, já citado, levantou o problema do saneamento básico, dado que, cada vez mais, as fossas são lançadas para a via pública. Neste aspecto, o Presidente, optimista, informou de que Paramos está contemplada pelo estudo da estação de tratamento, que decorre. Por outro lado, informou também de que a continuação do abastecimento de água à Freguesia, por dificuldades surgidas, «ficou sem efeito».

Dificuldades atrás de dificuldades e as necessidades vão aumentando, com soluções a serem proteladas: hoje a água, amanhã o saneamento, até outras obras menores.

ANTA

Dos seus muitos e desvairados caminhos

Anta debate-se com alguns problemas no campo das vias de comunicação.

São caminhos que não existem, são caminhos que existem mas que estão praticamente intransitáveis, são muitos problemas numa das maiores freguesias do concelho, com uma população que cresce cada vez mais.

Anta é uma freguesia que diariamente debita uns milhares de cidadãos para as indústrias de Espinho e regiões limítrofes, para além do movimento que regista internamente. A sua situação geográfica, já praticamente dentro da área urbana da cidade mais contribui para um intenso vai-vem de gente por vias que não o que se possa chamar decentes.

É o caso do Caminho Municipal n.º 516 que liga o Souto à Idanha. É já um caso «velho» que mereceu em tempos tratamento nestas colunas. Via de acesso a Espinho muito importante para os Idanhenses e não só, aqui há um ano atrás era um perfeito troço inexplorado, que parecia nunca ter sido pisado por pé humano. Os únicos vestígios de civilização eram umas ilhotas de alcatrão muito perdidas naquela imensidão de lama e cascalho sortido.

Os utentes, por sinal bastante descontentes, fizeram um abaixo-assinado muito aceite e representativo onde para além de se pedir o conserto mais que justo e imperioso do caminho, também se pedia o favor aos donos dos terrenos que

cortassem as silvas que emergiam das suas propriedades.

O resultado foi o conserto tímido de metade do percurso e as silvas continuando a espolinhar-se preguiçosamente no caminho n.º 516.

Para allém de tudo isto, acresce que a iluminação pública do caminho não é lá muito famosa, o que constitui aliciante para os meliantes mais necessitados.

A Junta de Freguesia também não descurou os interesses da população e tratou de accionar tudo o que estava ao seu alcance para resolver o problema e espera que o novo plano da Câmara contemple as obras do C. M. 516.

Por outro lado o caminho público do lugar do Carvalhal continua num impasse. Este assunto também já foi por nós tratado e de então para cá os progressos foram poucos. A população continua sujeita às arbitrariedades de um particular. Ao que consta o caso vai para juízo.

Na rua 33 continua a não haver passeios. Parece que já morreram algumas pessoas. No entanto ainda não há passeios. Já foram propostos à Câmara Municipal pela J. F. de Anta. É natural que estejam à espera de uma hecatombe para fazerem uma estatística e justificarem a feitura dos passeios. Quem passa de automóvel, de noite, na rua 33, vai com o credo na boca e com um olho nos peões e outro no trânsito

Quem dá uma mãozinha a Anta?

Maré Viva o JORNAL DA REGIÃO

Uma casa especializada em fios de tricot e industriais

BoaLã

Rua 14 n.º 647 Telef. 922191 (entre as Ruas 21 e 23)

ESPINHO

Descontos especiais para tricotadeiras

MARÉ - RUA

O Código Postal

Como é do conhecimento público, os C.T.T. - T.L.P. de Portugal no sentido de me-Ihorarem os seus serviços, no que respeita á recolha,

«Isto já eu sei», dirá o leitor, e com razão, mas além do que os meios de comunicação têm difundido ao público, saberá ele quais as razões da criação deste método, novo para nós, mas já tão velho em muitas outras nações da Europa?... Cremos sinceramente que não. É que só se disse às pessoas que o código postal passava a ser obrigatório; só se lhes explicou onde ele deveria figurar, e muito pouco se lhes contou das razões e necessidades que obrigaram à adopção desse sistema.

Bem, mas o público melhor do que nós, saberá certamente dizer o quanto a nossa questão é ou não pertinente.

«O Código Postal? Olhe, não sei dizer nada sobre isso a não ser que veio dar mais trabalho às pessoas. Não, não sei para que o fizeram nem me interessa. Também não sei o código postal da minha zona, só vou saber quando tiver de escrever a alguém».

José António Simões Operário Têxtil, 58 anos

«Acho que não é nada facultativo e só dá trabalho. Quando precisamos de escrever para alguém temos de andar a perguntar qual o código postal da zona a que se destina a carta e portanto ainda nos dá meis trabalho. Penso que há outras coisas mais importantes no país, que precisam de ser remodeladas com mais urgência e não o fazem».

José Fernando Empregado de café, 24 anos

«Bem, olhando às razões que eles invocam, penso que está bem, porque agora a

maram de código postal. distribuição e entrega é feita mais rapidamente e já não há tantos enganos. O que podiam era fazer isso

sem dar tanto trabalho. Para

além disso, penso que o no-

vo método vai tirar postos

distribuição e entrega da

correspondência adoptaram

um novo método a que cha-

de trabalho e com isso não concordo. Sei o código da minha zona e também de todas as outras».

Amélia Duarte Funcionária Pública, 42 anos

«Por um lado acho que foi dado um passo em frente no avanço da técnica e do progresso. Com o código postal mecanizou-se muito do trabalho anteriormente feito manualmente, o qual era moroso. Em contrapartida, o trabalho feito com máquinas necessita de um menor número de pessoas, o que tira postos de trabalho e lança mais pessoas no desemprego. Em relação às pessoas que utilizam o correio creio que foi uma acção positiva. Sim sei o código postal da minha zonaw.

Angélica Maria Carmona Estudante, 18 anos

Opiniões bastante diferentes, mas que, no entanto, não deixam de ter pontos comuns, como é o caso da preocupação manifestada relativamente à perda de postos de trabalho.

Código Postal: uma renovação de processos de gestão e de métodos de traba-Iho dos serviços postais que, à medida que se dá a expansão demográfica e o consequente aumento do consumo postal, têm de recorrer à mecanização de algumas das suas actividades.

Porque a máquina vai desempenhar papel fundamental nesta coisa chamada Có-

digo Postal.

O Ano Internacional da Criança em Espinho

te ano que vamos viver, vamos por momentos deixar a rotina passar ao nosso lado, sem entrar nela, e olhar um pouco para baixo para os nossos meninos e meninas.

Muito já se escreveu e escreverá sobre o tema. Não faltarão os que, especialistas em escrever sobre efemérides, dirão que as crianças são os homens da amanhã, são o nosso mais precioso capital, são c nosso mais caro investimen-

Tudo isto é verdade, só que, nos anos antes de 1979 e nos que se lhe vão seguir, ninguém vai reparar naquele menino de 11 anos que na baixa corre atrás dos carros, em dia de chuva, a vender jornais; ninguém nota aquele menino que no café nos pede algo e ao qual ou não se liga ou se dá, mecanicamente 5 tostões.

Não vamos aqui enumerar o muito que nos falta, o muito que lhes é devido. O que não fazemos pela criança. A nossa preocupante indiferença. Vamos ver o que de positivo se vai

1979 é o Ano Internacional fazer, vamos ver o que vamos da Criança. Significa que nes- fazer para nos chamarmos à atenção para os nossos pequeninos.

> «Maré Viva» vai às freguesias do concelho saber como vão as comemorações, ou me-Ihor como vão ser programadas as iniciativas que assinalaram este ano. Começámos por Anta onde ouvimos o secretário da Junta:

- «Fomos convidados para participar numa comissão organizadora, proposta pelo MDM. No entanto, devido ao muito trabalho que temos tido com o recenseamento, não nos foi possível comparecer a uma reunião marcada para o dia 29.

Achamos que como é algo de muito importante, e não queremos alhear-nos da iniciativa propusemos ao grupo «Semente» que organizasse as comemorações, podendo para tudo contar com o apoio da Junta de Freguesia».

Contactaremos também Guetim, Silvalde e Paramos. Para além dos contactos com os organismos oficiais, contactaremos todas as organizações populares que existam no nosso concelho.

Costa e Melo fala ao «Maré Viva»

A LIBERDADE E OS QUE SÃO CONTRA ELA

continuação da página 1

Como encara a evolução da situação política nos últimos tempos e no período que se avizinha, e como considera a intervenção do Partido Socialista na evolução e clarificação dessa situação?

A evolução da situação política nos últimos tempos — por mais estranho que isto pareça na minha boca — é uma consequência natural e lógica dos erros cometidos e logo aproveitados por aqueles que usam e abusam da liberdade contra a qual são, e que lhes é dada em coerência e perigosa ingenuidade por aqueles que a querem preservar como valor de vivência democrática.

Que pensa da acção geral até aqui desenvolvida pelo actuai governo, e que espera da sua actuação futura face aos orgãos de Poder Local?

É ainda cedo para que um mandatário possa validamente apreciar os méritos e deméritos de um mandante. Há sempre e humanamente a tendência para considerar bem o que emana daquele ou daquilo que representamos. Não quero correr o risco de ser injusto.

Quanto à actuação futura do actual Governo, é evidente que só no futuro ela poderá ser apreciada. Mas, sempre ouso afirmar, que essa actuação só será válida — quaisquer que sejam as circunstâncias surgidas ou criadas — se o Governo se mantiver em respeito estrito e rigoroso pelas linhas constitucionais. Estas não se compadecem com habilidades interpretativas ou com abandonos de rumos fixados como o da via para o socialismo.

Face aos orgãos do poder local a actuação do governo, é evidente, como executivo que é, não pode deixar de ser a de respeitar o que a Assembleia da República, expressão correcta do pluralismo democrático, vier a fixar ou alterar, se já fixado. Ali é o lugar próprio onde o povo dirá não ou sim a essa actuação governamental.

E atrevo-me mesmo a afirmar que essa evolução começou no dia 26 de Abril de 1974 na rua António Maria Cardoso, em Lisboa e na idiota benevolência com que se tem encarado os assassinos directos ou indirectos de Humberto Delgado.

A intervenção do Partido Socialista nessa evolução é igual à dos outros partidos porque se filia no acima apontado. Num país com quase cinquenta anos de silêncio fascista e paralisia cívica a euforia dos momentos de liberdade asfixia o raciocínio frio que deve existir, nos governantes e cria, nos governados, hábitos de que dificilmente se despojarão mais tarde. Mas o Partido Socialista soube desempenhar, antes de ser, enquanto foi e quando deixou de ser, um papel que a história lhe reconhecerá um dia: o de preservar, a seguir à asfixia de 50 anos, os valores essenciais da democracia, para que o povo escolhesse em liberdade o caminho da sociedade futura. E é seguindo esse caminho que o Partido Socialista poderá e deverá clarificar uma situação sem dúvida obscura.

Que importância atribui à aplicação da Lei das Finanças Locais, nomeadamente nos aspectos que se prendem com a

Costa e Melo: um defensor da descentralização e da associação de municípios

AS OPINIÕES DO EX-GOVERNADOR CIVIL DE AVEIRO SOBRE PODER LOCAL DESCENTRALIZAÇÃO, FINANÇAS, ESPINHO...

A LEI DAS FINANÇAS LOCAIS NÃO PODE FAZER MARCHA ATRÁS

sua efectiva entrada em vigor e reflexos que terá no distrito de Aveiro?

Sem dúvida a maior. Poderei admitir — se isso for aceite pelo povo através dos seus representantes na Assembleia da República — que a sua aplicação seja escalonada por etapas claramente definidas, impostas por condicionalismos dificilmente ultrapassáveis. Mas nem por um minuto posso admitir que uma lei, quase unanimemente votada pelo mais alto orgão de soberania, possa sofrer tratos de polé restritivos ou de «marcha atrás».

Creio até que as dificuldades que surjam no caminho poderão ser diminuídas se houver a coragem de fazer esperar as sacolas ávidas dos senhores para quem a revolução não foi feita nem deverá continuar.

A criação de «Regiões» é uma perspectiva apontada pela Constituição no que respeita à descentralização administrativa. Que importância terá para este distrito a sua efectiva implantação?

É para mim, como português de Aveiro, um dos mais apaixonantes temas. Tenho-o referido muitas vezes por escrito e de viva voz. Concordo inteiramente com a linha de rumo para que aponta a Constituição mas temo, sempre, repetir-me nas palavras e nos conceitos muito embora nada me custe repetir nas posicões.

A regionalização aponta para a descentralização mas se atentarmos bem, não é difícil ver nela uma certa centralização em menor escala. Para mim, a realidade administrativa é o município e a regionalização para que a Constituição aponta não pode ser o perigoso destruir das realidade físicas, humanas e morais dos concelhos. As regiões como tipo sofisticado de federações de municípios e que põem em comum os recursos que possuem para me-Ihor servir o povo que os integre, são de desejar.

Essa realidade da vontade das populações está presente na Constituição e a simultaneidade adjacente é o travão necessário, impeditivo das aventuras de gabinete.

COSTA E MELO
REFERE-SE
A ALGUNS
PROBLEMAS
DE
ESPINHO

TEL. 923266

Quanto a Espinho, gostaríamos de ter a sua perspectiva sobre questões centrais para a população desta terra, como é o caso da defesa da praia e da costa em geral, os acessos rodoviários, e o projecto de recuperação da Barrinha de Paramos.

Espinho tem problemas peculiares que como tal, deverão ser encarados. As suas potencialidades alicerçadas num nível cívico e político, superior à maior parte do distrito e ainda — e sobretudo - o grau de vivência democrática atingido, conferiram a Espinho um papel de realce na evolução para a sociedade nova do futuro. E aqui é de notar as realizações de carácter cultural que não esquecem, normalmente, os graus de compreensão e penetração nas massas diversificadas a que se destinam. A proximidade do Porto como natural polo de atracção contribui — e de que maneira — para esse aspecto positivo. Quanto às realizações masó lhe poderei dizer o que penso e o que, nesta permanência no Governo Civil de Aveiro, me foi dado apreciar. O problema da defesa da praia terá que ser desmistificado e integrado, como a pergunta já sugere, na defesa geral da costa. E se digo desmistificado é porque quero referir-me àqueles «santos e piedosos varões» que só agora se põem em bicos de pés para protestar por não se defender a praia de Espinho quando eles e sobretudo os seus avós ideológicos tiveram 48 anos para o tentar fazer sem receio de serem contrariados a não ser por esse grande senhor, chamado Mar, que já em 1907 ou 1908 engoliu a capelinha da Senhora da Ajuda, indiferente às relações divinas dos seus inúmeros fiéis.

teriais apontadas na pergun-

ta - melhor diria, aspira-

ções de solução próxima —

Temos de encarar a realidade física da praia de Espinho por forma a que ela não possa ser destruída pela inacção dos homens responsáveis. O conteúdo social e humano dessa praia não pode ser desprezado porque ela é uma das pedras angulares de toda uma vivência citadina. O seu valor económico, através da sua implantação turística é imenso e pena é que o «cancro» do jogo não possa ser eliminado, em Espinho e em toda a parte sem graves perturbações. Reste-nos, ao menos, a consolação de que o vício contribui para a solução de certos problemas. Chamemos-lhe um imposto voluntário que se paga sem ter como matéria tributável um artigo de primeira necessidade. Está em curso o estudo consciente da Costa Atlântica necessário à obra de defesa geral. Até à sua conclusão continuará o perigo a espreitar e a reinar a improvisação que, aliás, até tem evitado o pior nos momentos de apuro.

Quanto aos acessos rodoviários, e sem pretender alar-

dear conhecimentos que não tenho, julgo que eles são indispensáveis mas condicionados à melhoria do eixo rodoviário Aveiro - Porto, independentemente da auto--estrada. A linha da C.P. e o mar cada vez mais próximo, espartilham uma parte importante de Espinho. A estrada Espinho — Granja e a passagem superior na zona norte, já são um passo, infelizmente suspenso pelas exigências de última hora por diferenciadas visões técnicas ultimamente defla-

A Barrinha de Paramos é um caso de morte por poluição que importa solucionar no contexto nacional de defesa ecológica. Mas em que não chegará o interesse oficial e estatal. Julgo que sem a colaboração cívica de todos nós a poluição continuará a matar-nos e às coisas que amamos. O homem tem, mais que o direito de exigir que o defendam, a obrigação de a si próprio se defender.

PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneus Nacionais e Estrangeiros

Assistência Técnica

Alinhamento de Direcções
Vulcanização de Câmaras
Equilíbrio de Rodas

R. 18 - 1010 (R. da Igreja) - ESPINHO

SACOS DE PAPEL E
PAPEIS DE EMBALAGEM
DE TODAS AS QUALIDADES
FIOS DE SISAL E NYLON

Rogério Pinto Moreira, L.ºº

Telef. 967079 S. Paio de Oleiros

FABRICAS



STAND SERZEDENSE

António Martins da Silva

Assistência Total Agente: SACHS SIS — EFS

Tel. 9620675 — SERZEDO V. N. DE GAIA

Boa intervenção dos órgãos de poder local do distrito

Após este relativamente longo período à frente do distrito, como avalia a implantação, importância e qualidade de intervenção da generalidade dos orgãos do poder local em acção no distrito ?

Os orgãos de poder local são terminais extremamente sensíveis da vivência democrática e do civismo. Há pequenas e grandes deficiências de actuacão que só podem justificar-se pela novidade maravilhosa que é a liberdade de deliberar, a todos os níveis. Não há ainda, a prática natural e espontânea da cidadania e isso faz-nos deparar, por vezes, com a «mania» de pedir a demissão só porque uma proposta nossa não obteve vencimento. Não são muitos os que, quando em minoria, nos orgãos do poder local, sabem olhar as votações como natural prolongamento das eleições e como factos que importa respeitar para salvaguardar a liberdade democrática. Mesmo que a proposta ou tese vencedora seja fascista ou para lá pretenda caminhar, há que respeitá-la se obteve a maioria. O que importa é tirar a tempo e no lugar próprio as concluões e actuar em conformidade.

Quem foi eleito não se demite porque quem o elegeu o povo — só em nova eleição o poderá demitir através da recusa do apoio que antes lhe outorgou.

No distrito de Aveiro a qualidade de intervenção dos orgãos do poder local em acção pode considerar-se boa, embora não totalmente, devido aos condicionalismos já apontados.

No que toca directamente à minha acção, quero afirmar que nunca me foi dado aperceber que atitudes singulares ou colectivas desses ou nesses orgãos, fossem desencadeadas com um sentido que não fosse o natural de oposição em regime democrático e pluralista.

O caminho para um cooperativismo municipalista

Como vê a possibilidade de no distrito se desenvolver um maior associativismo das Câmaras, no sentido de enfrentar mais decididamente problemas de interesse colectivo ?

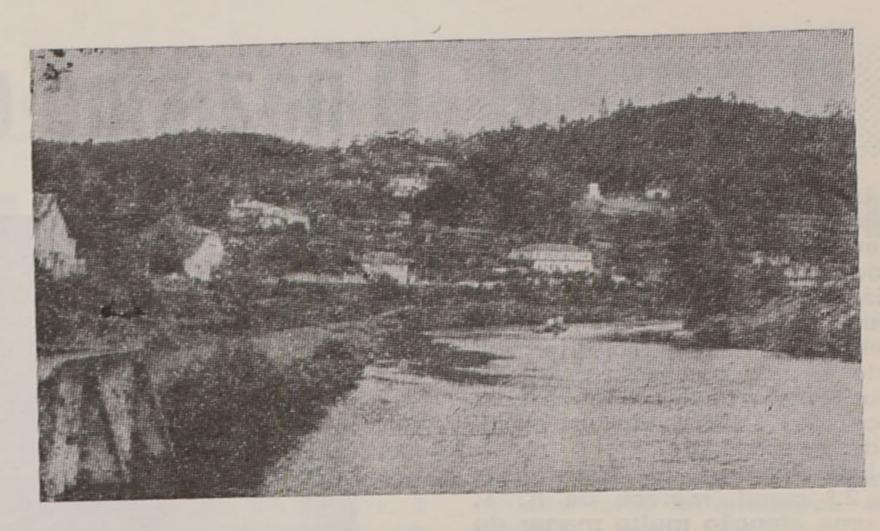
De certo modo a resposta à pergunta anterior serve para responder a esta. Considerando eu, como considero, o município como realidade básica administrativa e defendendo, como defendo, a descentralização como conquista irreversivel, entendo que o associativismo municipalista sem estultas e prejudiciais preponderâncias deste ou daquele Concelho, poderá ser, se livremente implantado e querido, o caminho para qualquer coisa de parecido com um cooperativismo municipalista donde poderão estar ausentes os defeitos de qualquer outro tipo de associativismo, de cima para baixo, em que as pranchetas mortas destroem o querer vivo dos municípios.

Há muitas Câmaras Municipais — a maioria delas que só associadas a outras de carências semelhantes, poderão colher os beneficios da técnica de hoje tão necessários à satisfação das necessidades comuns, designadamente o lançamento e manutenção do saneamento básico, electrificação, rede viária de pequena e média amplitude, transportes, etc.

O interesse colectivo que deve sobrepôr-se a todos os outros, não se compadece com fronteiras de bairrismos esmagadores de vizinhos menos favorecidos.

O associativismo livre, no sentido apontado, poderá ser - sê-lo-á certamente - um alfôbre de possibilidades se não for esquecida a medida do equilibrio delas.

«OS INDICES NEGATIVOS DA MORTALIDADE INFANTIL E DO ANALFABETISMO ANDAM DE MÃOS DADAS COM O FACTOR **DESENVOLVIMENTO**»



A região do Rio Vouga é das mais importantes do Distrito. Nela se produz grande parte da sua riqueza, sobretudo agrícola.

Descentralização: só com a estruturação dos órgãos que lhe servem de suporte

Como avalia a acção da Assembleia Distrital e as tarefas que lhe estão atribuídas?

A Assembleia Distrital é uma experiência salutar na reformulação de todo o aparelho administrativo nacional até porque é composta exclusivamente, nos elementos votantes, por cidadãos eleitos para as autarquias, em sufrágio popular. Essa experiência, quanto à de Aveiro, não foi inteiramente satisfatória. Isso, contudo, não foi por culpa da própria Assembleia ou seus membros mas sim uma consequência da precipitação com que se suprimem orgãos e se criam outros sem se fixar a sua competência e meios de acção. É por isso que eu entendi e entendo que o conjunto das medidas inerentes à descentralização — e a criação das Assembleias Distritais é uma delas — não pode ser

efectivado senão com a estruturação completa dos orgãos que lhe servem de suporte.

Como Assembleia Distrital pluralista, ainda que com larga predominância de um sector partidário inerente ao PPD/PSD a Assembleia foi um útil tablado onde se debateram problemas de interesse distrital e uma tribuna livre donde sairam críticas e reparos que motivaram, da parte dos Governos, medidas, esclarecimentos e informações, necessárias à clarificação de situações dúbias.

As tarefas atribuídas à A.D. são importantes. Se a A.D. poderá ou não cumpri-las validamente, isso depende, sobretudo, da análise que vier a ser feita após pelo menos um ano de funcionamento com todos os seus orgãos de apoio estruturados e a funcionar.

De notar é que certos aspec-

tos relacionados com a assistência e a técnica necessitam de profunda análise e avaliação comparativa das alternativas em presença. Refiro-me à continuação ou não dos serviços como Casas da Criança e Internatos Distritais na esfera do M.A.I. Sou abertamente pela mudança para o âmbito do M.A.S.

Quanto ao sector técnico sou também abertamente pela institucionalização dos G.A.T.'s e sua equilibrada distribuição por grupos de municípios com afinidades de programação. Julgo ser esse o caminho, assim como julgo saber que o mesmo será, em muito breve, oficiali-ZEIDO.

Mas bastará a possibilidade de ser a Assembleia Distrital um lugar de debate de temas distritais entre pessoas eleitas para justificar, em pleno, a sua existência.

PODER LOCAL

Lei das finanças locais em seminário

A melhoria de condições de vida do povo

Quais são alguns dos principais problemas com que se debate o distrito, considerando até uma aparente contradição por ser um distrito relativamente privilegiado (situação próxima do litoral, relativo grau de desenvolvimento industrial, etc). e que apresenta ao mesmo tempo índices francamente negativos em capítulos importantes como mortalidade infantil, analfabetismo, etc. ?

O distrito de Aveiro tem todas essas características que aponta e que no lado positivo, tal como no negativo forma o conjunto distrital cuja heterogeneidade é evidente. A zona litoral onde se concentram as indústrias e a agro-pecuária e agricultura mais ricas desiquilibra, sem dúvida, o conjunto. Mas, pelo seu potencial, sempre

crescente e desencadeador de subida do nível de vida, ajuda a subir a média distrital, embora provoque diferenciações gritantes que urge, quando possivel, corrigir.

O distrito de Aveiro é o 3.º do país, logo a seguir a Lisboa e Porto e o volume das contribuições pagas ao Estado (mais 1.362.492.574\$00 que Braga; 1.242.352.101\$00 que Coimbra e 1.030.515.125\$00 que Setúbal) demonstra isso mesmo pois a parte serrana do distrito, por menos favorecida de recursos, só minimamente contribui para esses montantes.

Os índices negativos da mortalidade infantil e do analfabetismo andam de mãos dadas com o factor do desenvolvimento. É porém justo dizer que algo se terá feito - nem sempre com equilibrio - para minorar esses aspectos negativos.



Merc. Municipal - Espinho

Confeitaria

Especialidades Regionais — Pastelaría sempre fresca Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO O estabelecimento de infantários, creches e escolas poderá servir de esperança se constituir base de lançamento para a obra geral e profunda da me-Ihoria de condições de vida do povo. Não é possível, apesar de quase 5 anos passados, acertar o passo que os cágados do fascismo sempre quiseram considerar de gazela.



Nos dias 27 e 28 de Janeiro, nas instalações do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, realizou-se um seminário sobre a Aplicação da Lei das Finanças Locais, promovido pela Re-

vista «Poder Local».

Realizando-se numa altura em que está sendo posta em causa a aplicação desta lei, o seminário, que seria sempre importante, revestiu--se duma importância e oportunidade muito especiais, o que congregou mais de 500 representantes de autarquias de todo o país, desejosos de debater tão momentoso problema.

Decerto que todos deram por bem utilizado o seu tempo já que muito de útil e prático se disse para melhor se vencerem as naturais dificuldades de aplicação da

Nas numerosas intervenções (houve 28 nos plenários, e 14 só no Il Grupo de Trabalhos cujos debates acompanhámos) foi constante a preocupação de apontar as diversas dificuldades para a aplicação da lei, as suas imprecisões e a necessidade de variada legislação suplementar. Paralelamente, também se apontaram soluções possíveis e acções a desencadear, quer a nível do poder central, quer do poder local, sobressaindo para este como essencial e urgente a reorganização dos Serviços, o Associativismo de Municípios, a descentralização para as freguesias, etc.

A criação das Regiões Administrativas, e delimitações das autarquias dos diferentes níveis, a Assistência Técnica Ambulatória, a utilização racional dos departamentos regionais dos Ministérios, a Reorganização dos Ministérios, um novo tipo de Orçamento Geral do Estado e respectiva contabilidade, a audição dos Trabalhadores da Função Pública, a reconversão e formação dos funcionários do Poder Central e Local, a remodelação da Estatística Nacional para fornecer dados concelhios, etc., foram apenas alguns dos muitos temas tratados, cuja riqueza e variedade não é fácil sintetizar.

As conclusões do seminário foram variadas, mas a principal foi a de que a Lei das Finanças Locais pode e deve entrar em vigor em 1979, tal como a própria lei dispõe e exige, cumprindo-se a Constituição. Se há dificuldades, nenhuma é instransponível e será agora a altura de ver onde estão as «competências» tão apregoadas pelo governo, como aliás foi dito numa das intervenções.

E assim são postas à prova essas competências e não só essas, pois o mesmo acontecerá no Poder Local.

O nazismo em carne viva

Uma série americana agita a Europa, sobe ao parlamento na Alemanha Federal, provoca atentados bombistas, vê a sua transmissão suspensa em Espanha, enche os jornais deste velho continente que parecia ter atirado aquilo que se passou há pouco mais de trinta anos para o caixote do lixo da sua sociedade de consumo.

Em Portugal, é transmitida no 2.º canal, merece da R. T. P. uma atenção muito menor do que a que teve há tempos uma coisa chamada «Colditz» e que todas as terças-feiras nos metia pela casa dentro uma imagem humanizada, quase paradisíaca, dum campo de concentração nazi.

«Holocausto» não recorre à cena chocante gratuita, não exagera na pieguice. Limita-se, com a simplicidade das coisas verdadeiras, a mostrar a trajectória duma família judia da Alemanha, que, como milhões de outras, os nazis se encarregaram de dispersar pelos quatro cantos da Europa e aproveita para delinear com rigor cronológico e geográfico o desenvolvimento do genocídio nazi perpetrado sobre os judeus. Tudo isto servido por uma realização serena e por actores de qualidade.

Estará no «Holocausto» a análise histórica e social completa do nazismo alemão? Não. Não está.

Os judeus, embora vitímas maiores, não foram os únicos a sentirem os crimes do nacio-



nal-socialismo alemão. O nazismo não nasceu e cresceu apenas porque teve ao seu serviço uma corja de criminosos. Haveria muitas mais coisas a dizer e importantes.

O «Holocausto» não diz tudo, nem talvez fosse razoável

exigir-lhe que o dissesse, mas expõe o suficiente para que o espectador honesto e com um mínimo de sensibilidade possa dizer: «Nazismo, nunca mais!»

Porque a série tem qualidade compreende-se que ocupe um lugar de destaque na au-

diência nos Estados Unidos. Mas o que já custa a compreender é o que ela tem dado que falar, o impacto que produziu nomeadamente na Alemanha Federal, apesar de, como cá, ser transmitida num canal secundário. O público alemão reagiu a princípio com incredulidade, demorou-lhe a acreditar que seus compratiotas tenham feito aquilo que os ecrans lhe mostram. E isso só é possível pela incrível falta de informação daquele povo, que mais parece ter estado dentro de uma redoma, isolado da realidade durante estes trinta e tantos anos. Uma reacção de espanto que não seria possíve! se o esclarecimento sobre o que foi o nazismo se fizesse como nunca se deixou de fazer nos paises socialistas.

Os grupos neonazis que têm proliferado na RFA a coberto da ignorância não se conformam. O dirigente da ala bávara do partido social-cristão, o famigerado Johann Strauss, bate com os pés e berra que aquilo são tudo «histórias da carochinha». Mas o povo alemão já sentiu a alfinetada, os neonazis perderam muitos pontos. Com uma simples série de televisão. Com a verdade nua e crua.

Entretanto, em Portugal, o Conselho de Imprensa de televisão defendeu a passagem do «Holocausto» no 1.º programa. Vamos lá ver se o «pluralismo» dos responsáveis da RTP não vai colocar dificuldades...

CLINICA GERAL

Pinheiro de Moraes

Rua 20 n.º 390 TELEF. 920452

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL E VASCULAR

Rua 20 n.º 520 - 1.º Telef. 921014 ESPINHO

DR. CASTRO REIS

ESPECIALISTA PELA O. M. DOENÇAS DOS OLHOS ORTOPTICA

RUA 16 N.º 250 - 1.º - ESQ. TELEFONE 922470 - ESPINHO

Ernesto Ferreira

ODONTOLOGISTA

Boca e Dentes

18 n.º 582 - 1.º Dto. Telef. 921408 - ESPINHO

Rubi

Relocaria - Ourivesaria

Ivo dos Santos Coelho

Rua 23 n.º 360 - Tel. 920592 ESPINHO

MODAS MENDES

LANIFICIOS MODAS — CAMISARIA

Rua 16 n.º 683 - Tel. 920168

ESPINHO

VIVA MUITO ... E BEM

Aqui fica a receita de um anónimo que, além de um bom sentido de humor, não parece ser tolo:

«Decidi prolongar a minha vida. É evidente que é possível consegui-lo fazendo por não beber, não fumar, dormir de noite... Mas isso é vida? O melhor, pois, é alcançar a longevidade poupando tempo. Em média costumo dormir 10 horas por dia. Se dormir apenas oito, num mês pouparei 60 horas e, num ano, 720, ou seja, nos próximos 20 anos ganho quase 2 anos.

Bebo cerveja diariamente durante meia hora. Se beber apenas 20 minutos, num mês economizo 5 horas. E quanto tempo mais podemos poupar sabe-se lá com quê! Segundo os meus cálculos, posso viver, vivo e esperto,

até aos cento e vinte». Aqui tem. Goze a vida e... prolongue-al...

ARTE DE COBRADOR

Surgem novidades em cada dia que passa, num mundo tão dado à técnica como é aquele em que (felizmente? infelizmente? necessariamente?) temos de viver. Mas é engraçado como as inovações, por vezes, não são tão sofisticadas como isso: quase lembra a avó que deita as pílulas ao lixo e nos dá um chazinho de certas ervas que conhece, «e isto ainda é o melhorl».

O chá, neste caso, é outro. Parece haver dificuldades na América, como em todo o lado, para cobrar contas de electricidade em atraso. Uma das soluções em vias de ser utilizada para «convencer» os devedores é

apenas esta: passarão a ser entregues recibos especiais, que exalam um cheiro insuportável a partir da semana em que são entregues!

E resulta? Se resulta! --dirão eles.

(Você acredita?)

INCONVENIENTE

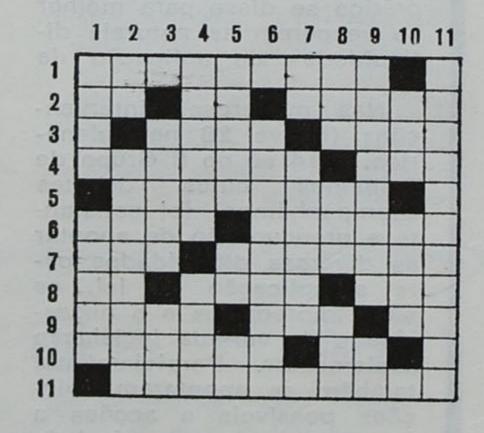
«Muitos políticos terminaram a sua carreira na prisão. Que mal há em começar por ela?» — assim falou um indivíduo que, por altura da sua candidatura a senador, foi dar com os ossos na cadeia por agressão ao motorista de um autocarro.

Mas não foi em Portugal, não senhor! Porque, se fosse, com uma crítica daquelas «às instituições», a esta hora já estava suspenso e mais que suspenso. Não é que tenha mentido mas... vocês entendem...

«Ó Divino Espírito Santo, Vós que me esclareceis em tudo, que iluminais todos os meus caminhos para que eu possa atingir a felicidade, Vós que me concedeis o sublime dom de perdoar e esquecer as ofensas e até o mal que me tenham feito, a Vós que estais comigo em todos os instantes eu quero humildemente agradecer por tudo o que sou, por tudo o que tenho e confirmar mais uma vez a minha intenção de nunca me afastar de Vós por maiores que sejam a ilusão, as tentações materiais, com a esperança de um dia merecer e poder juntar-me a Vós e a todos os meus irmãos na perpétua Glória e Paz. Amen (Obrigado mais uma vez). A pessoa deverá dizer a oração 3 dias seguidos sem fazer o pedido. Dentro de 3 dias será obtida a graça por mais difícil que seja. Publicar a oração, assim que receber a graça».

(em «Tempo»)

PALAVRAS CRUZADAS - 7



HORIZONTAIS

1 - Arquipélago do Pacífico, é o país da Ásia onde a religião católica tem maior implantação; 2 - Sono das crian-

ças; ofereça; deitei por terra; 3 — A senhora da varinha de condão; a terceira maior cidade de França, depois de Paris e Marselha; 4 - Foi ele quem substituiu Hitler, depois da morte deste, e aceitou a capitulação da Alemanha nazi; espádua; 5 — Compositor alemão, do século XIX, deixou uma vasta obra para piano e, entre as suas sinfonias, a Sinfonia da Primavera; 6 — Pedaço de madeira para o lume; ninfa das florestas segundo a mitologia grega; 7 — Albufeira; colocar esteios ou escoras; 8 - Antigo antigo; montículo de cabelos; adoro; 9 - Azelha (fig.); sufixo de nacionalidade (fem.); prefixo de privação; 10 - Notificar; Gra-Bretanha; 11 — O fim do mundo como vem descrito no livro de S. João Evangelhista

VERTICAIS

1 — Empresa de automóveis nascida na América, tem também importantes fábricas na Inglaterra e na Alemanha; o partido da ditadura no Brasil; 2 -Satélite de Júpiter; hesitava; 3 - Encerra; o banco de Jorge de Brito que foi absorvido pelo BPA depois da nacionalização da banca; 4 — Lugar muito populoso da freguesia de Anta; tosquio; 5 - Requereu; a minha pessoa; antes de Cristo; 6 — O ar que nos rodeia; 7 - Em a; indivíduos com os olhos azuis claros; 8 — Associação de Basquetebol de Lisboa; ninho; procedi; 9 — Adeus, até logo, segundo uma conhecida expressão dos janoneses; British Petroleum; 10 - Tonalidade; a peça do xadrez mais

importante depois do rei; 11 - Mamífero paquiderme africano, característico pelos seus chifres no meio da cabeça.

SOLUÇÕES DO N.º 6

HORIZONTAIS

1 — Leninegrado; 2 — Lie; Ural; 3 — Tisnaras; dor; 4 — RAA; ton; mói; 5 — Ás; Zapata; 6 — Capadócia; 7 — Abate; at; MC; 8 - Lesoto; ópio; 9 — Ópera; ote; 10 — Al; escravos; 11 - Rank; achou.

VERTICAIS

1 — Trafalgar; 2 — Elias; Be; ia; 3 — Nisa; caso; 4 len; Zatopek; 5 — Atapetes; 6 — Europa; orça; 7 — Granada; Arc; 8 - Rās; Tótó; ah; 9 - Al; Mac; povo; 10 -Dó; imitou; 11 — Obrigações.

VOLEIBOL

SENIORES MASCULINOS SCE, 3 — Leixões, 2 CDUP, 0 - SCE, 3 AAE, 3 - Avintes, 0 B. Leça, 3 — AAE, 2 JUNIORES MASCULINOS

A. A. Coimbra, 0 - SCE, 3 JUVENIS MASCULINOS SCE, 3 — AAE, 2 Oliveirense, 0 - SCE, 3 INICIADOS MASCULINOS SCE, 3 - AAE, 0 SCE, 3 - Arcozelo, 0 AAE, 2 — Esmoriz, 3 SENIORES FEMININOS Vigorosa, 1 — SCE, 3 JUNIORES FEMININOS AAE, 0 - SCE, 3 Fluvial, 3 — AAE, 0 JUVENIS FEMININOS

SCE, 1 - C. Michaelis, 3 SCE, 0 - Esmoriz, 3

As honras da jornada vão inteirinhas para os seniores do SCE que venceram com todo o mérito o Leixões e cilindraram positivamente os universitários do CDUP que estavam a fazer uma boa prova. Sem dúvida que a equipa está a entrar na boa forma e neste momento possui força física e anímica para conseguir chegar ao apuramento para a fase final, salvo algum imponderável. Embora não seja nosso hábito salientar nomes, uma vez que o voleibol é um desporto colectivo por excelência, seriamos injustos se não mencionássemos o júnior Manuel Rosa, cuja influência nesta recuperação tem sido decisiva e que frente ao Leixões realizou uma exibição sensacional, sendo sem dúvida o principal responsável pela vitória.

HÓQUEI EM CAMPO

Teve início no dia 3, o Campeonato Regional da II Divisão, com a participação da AAE, Académico, Canelas, Leixões, Serzedo, Vilanovense e Vigorosa.

Na sua deslocação a Serzedo a AAE não foi além de um empate a uma bola contra a equipa local.

No Campeonato de Reservas, a disputar pelos clubes da 1.ª e 2.ª divisão divididos em 2 séries, a AAE folgou em virtude do Serzedo não ter estar categoria.

No passado domingo, no Porto, contra o Vigorosa, a AAE ganhou por 2-1 na categoria de honra e empatou a 0-0 em reservas.

XADREZ

Surpreendente a derrota da AAE (A) frente ao CDUP (C) por 3-1, ficando o clube espinhense sem qualquer equipa na Taça de Portugal, depois da eliminação da equipa B e da C (na secretaria).

Por outro lado, de registar a conquista do título regional de juniores pelo academista Francisco Lemos, que foi seguido por outro colega de equipa, João Carvalhas.

ATLETISMO

Realizou-se no passado sábado o Corta-Mato dos Dez e dos Cinco no qual o SCE esteve presente com uma equipa masculina e uma feminina, e onde obteve dois 3.º5 lugares por equipas. Na prova masculina o SCE tinha hipóteses de obter o 2.º lugar, mas a prova menos boa de 2 ou 3 dos seus atletas tiraram-lhe essa possibilidade.

Individualmente saliência especial para António Leitão e para as «Três Mosqueteiras», assim como para Manuel Silva. Leitão esteve igual a si próprio, vencendo «de raiva» após ter andado com um certo atraso devido a uma queda na penúltima volta. Na última volta Leitão foi impressionante de pujança e querer, recuperando o atraso e vencendo com um certo avanço. Magnífica foi a prova das 3 miúdas Laura, Irene e Conceição que se classificaram nos 10 primeiros lugares, e possibilitaram que uma equipa formada apenas por juvenis se classificasse logo a seguir ao Porto que, nem com as consagradas Aurora Cunha e Rosa Mota logrou vencer a prova colectivamente.

MASCULINOS (Seniores, Juniores, Juvenis)

1.º — António Leitão 8.º — Manuel Silva

(Seniores, Juniores, Juvenis)

FEMININOS

1.ª — Aurora Cunha (Porto)

7.4 — Laura Alves 9.ª — Irene Santos 10.ª — Conceição Pais

3.º LÉGUA CONVÍVIO 1979

Com a presença de 2.500 atletas e 220 equipas, realizou--se no domingo a 3.ª Légua Convívio, organizada pelo Banco Borges e Irmão.

O Clube Académico de Espinho com os seus jovens e «Veteranos», também esteve presente nesta festa, porque entende que correr é saúde, correr é juventude, correr é duração de uma longa vida.

O fundamental foi o convívio que presidiu à corrida, mas não impede que aqui se resgistem as classificações dos «académicos»: 19.º — Paulo Malheiro, 60.º — José Oliveira, 72.º — José Gomes, 89.º Daniel Ferreira, 135.º Manuel Faustino, 290.º — António Pereira, 297.º — Fernando Carvalho, 383.º — Artur Faustino, 414.º - Artur Carvalho, 467.º - António Faustino, 502.9 - José Faustino e 523.º - Dário Carvalho.

É de salientar que o C. A. Espinho ficou classificado entre as primeiras equipas.

HÓQUEI EM PATINS

JUNIORES AAE, 17 - Valadares, 2 Valongo, 2 — AAE, 4 JUVENIS Inf. Sagres, 1 - AAE, 0

ANDEBOL

TAÇA DE PORTUGAL SCE, 40 - Guarda, 15

João Félix com os Juniores na Final

- «...com dignidade e com o apoio da massa associativa»

22 jogos, 18 vitórias e 4 empates, 67 golos marcados e 10 sofridos, tal foi o saldo da carreira dos juniores do futebol espinhense na série B do Nacional, que os coloca na dis-

João Félix, que no início da época, apontara como objectivo a manutenção na I Divisão, explica porque se foi muito além disso: «Quem trabalha espera sempre uma recompensa. E quando ela aparece com uma classificação como esta temos razões para estarmos satisfeitos. Fazendo um breve balanço não houve dúvidas quanto à justica do 1.º lugar. Fomos a equipa mais regular, fisicamente bem preparada e apresentámos o melhor futebol. Só o Lourosa e o Candal se aproximaram do nível exibicional do Espinho, preocupando-se em jogar a bola pelo chão. Claro que tivemos jogos com a sorte pelo nosso lado, noutros até tivemos azar. Também não tivemos grandes castigos ou lesões, mas os dez pontos de avanço não deixem quaisquer margens para dúvidas quanto a qual foi a melhor equipa».

Mas o treinador dos juniores não esquece os outros factores que guindaram a sua equipa a esta posição. «Pois se não tivéssemos jovens com valor, se não tivesse havido o espírito de equipa que se criou, não teria sido possível chegar onde chegámos. Mas é preciso não esquecer o apoio incondicional da direcção do clube, o traba-Iho do massagista, o apoio médico que foi excelente e a possibilidade de utilização da luz artificial do Avenida para os nossos treinos. São um conjunto de condições importantes, que muitas outras equipas não terão tido. Para além, naturalmente, do modo como a massa associativa passou a acarinhar a equipa, o que é agradável registar».

Agora, para a fase final, a par de um Alverca que surpreendeu pela autoridade com que bateu o poderoso Académico de Coimbra, aparecem um F. C. Porto e um Sporting... Que poderá fazer o Espinho frente a estas equipas?

«O facto de já estarmos satisfeitos por termos chegado até aqui, não quer dizer que vamos

ATLETISMO EM PAÇOS DE BRANDÃO

Realiza-se no próximo sábado, dia 17 uma prova de Atletismo para NÃO FILIADOS a realizar em Paços de Brandão na Quinta do Serrado pelas 15 horas.

Inscrições até ao dia da prova no Ci.R.A.C. - Paços de Brandão.

puta do título com o F. C. Porto, o Alverca e o Sporting. Na base deste êxito, que faz lembrar os cometimentos dos juniores espinhenses na década de 50, está o treinador João

abdicar de qualquer oportunidade que nos surja. «A priori», a tarefa é muito dificil. Não sabemos bem o que será o Alverca, mas quanto ao Porto e o Sporting, a desigualdade de condições é flagrante. Se o Espinho já tem umas condições de trabalho aceitáveis, ficam muito atrás destes clubes que se podem dar ao luxo, como o F. C. Porto, de terem treinos de manhã e à tarde, de disporem de trezentos jogadores para formarem uma equipa de onze e de gastarem, por exemplo, 200 contos para irem buscar um jovem ao F. C. Foz».

«De qualquer modo, podem os adeptos do Sp. Espinho crer que tudo vamos fazer para dignificar o nome do clube. Não sei o que poderá suceder por exemplo num Estádio de Alva- com o pé direito dos jovens lade, onde os jogadores mal se vêem duma ponta à outra do

Félix, um homem em quem os meios desportivos espinhenses já se habituaram a reconhecer, no voleibol e no futebol, as qualidades do técnico e do pedagogo.

rectângulo e onde os nossos miúdos terão dificuldades adicionais.

Mas pelo menos aqui, no Avenida, não vai ser nada fácil levar um ou dois pontos, por mais ressonante que seja o nome do visitante. Serão onze de cada lado e esperamos que, pelo menos aqui, o Espinho possa desiquilibrar a igualdade de condições com o apoio dos adeptos espinhenses. O F. C. Porto já cá veio duas vezes, em jogos particulares, e os dois empates dão ideia de como as duas equipas se baterem de igual para igual».

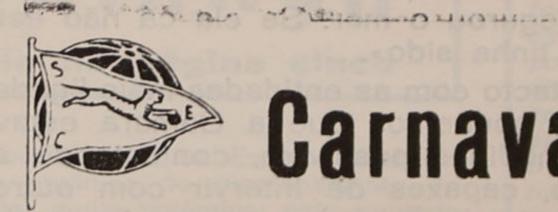
Domingo começa a fase final. As 11 horas vão estar em campo o Espinho e o Alverca, num jogo que é «a priori» uma boa possibilidade de uma entrada espinhenses, nesta fase dos «grandes» dos juniores.

ESPINHO, 3 - SALGUEIROS, O

Um jogo que se afigurava difícil, ou não tenha sido o Salgueiros apontado no início da época como um dos favoritos, acabou por ser demasiado. fácil e talvez por isso não tenha justificado a importância que lhe era atribuída pelo «dia do clube». Na 1.º parte ainda houve uma certa expectativa porque os portuenses até tinham gente no meio campo que mexia na bola. Mas quando a perdia deixava de saber jogar e o Espinho impôs respeito; fez 1-0 por Reis e ainda antes do intervalo 2-0 por Canavarro.

A segunda-parte foi sensaborona, com os espinhenses a jogarem a passo, a falharem golos certos de cinco em cinco minutos e a darem oportunidade ao Salgueiros de mostrar o que vale, o que não era muito. Foi então que veio uma chuvada mais forte, com ela um pouco mais de velocidade e o terceiro golo para Belinha, o avançado que faltava assinar o ponto.

Esperamos que as energias poupadas neste segundo tempo venham a ser úteis no próximo jogo em Leixões.



Carnaval



Tradicional Baile do Voleibol!

SALÃO DE FESTAS DA PISCINA

2.° feira, 26/2/79 — às 22 horas

Conjuntos:

RITMICOS (espanhol) — TRÂFEGO (português)

Reservas:

Casa Vitó — Rua 19 — Tel. 923056

ENTRADA POR CONVITE

continuação da página 8

CARNAVAL NO ALGARVE

VIAGEM EM AUTOPULLMAN COM AR CONDICIONADO

4 DIAS MARAVILHOSOS

PARTIDA A 23 FEVEREIRO - REGRESSO A 26 FEVEREIRO TUDO INCLUÍDO P/ PESSOA ESC. 4.200\$00

FAÇA JA A SUA RESERVA NA:

Agência de Viagens CONCORDE

Rua Doze, n.º 628 — Tels. 921941 e 921285 — ESPINHO

HOSPITAL SEM OBRAS

tabeleceram contactos com o arquitecto espinhense para fazer o projecto. E melhor sinal de que as coisas iam bem não podia haver: o projecto teria de estar pronto dentro de seis meses!

Mas por alturas do Natal, em vez do presente definitivo no sapatinho, surgem os primeiros sinais de que algo não ia bem. Contactados vários sectores responsáveis, acabou por ser dito que estava tudo parado,

já nada se faria afinal em 79. Uma última tentativa, um contacto directo em Lisboa, mais uma exposição, mas há dias a resposta oficial definitiva, desanimadora: não pode ser nada para este ano. E quanto aos outros se verá. Dependerá certamente dos cortes, das austeridades, das receitas dos americanos do FMI, das indemnizações a pagar a latifundiários e capitalistas. É disso que está dependente a nossa saúde. Mas

para já, há que defender o hospital que temos, se não qualquer dia há necessidade de voltar a «reduzir ainda mais» o dinheiro para estas «coisas sem importância» dos assuntos sociais e lá se vai o serviço de urgência ou qualquer outra fatia do hospital. O hospital não será o que desejaríamos, mas parece que aqui vale rigorosamente a frase de que temos que viver com aquilo que tamos.

mane vina

Negócios da China

No meio desta balbúrdia cada vez maior, sempre conseguimos tempo, apesar de tudo, para falar de outros assuntos.

Da China, por exempio.

Ao mesmo tempo que Portugal estabelece relações diplomáticas com a China, esta restabelece umas certas «relações diplomáticas», e muito mais, com aquilo a que se costuma chamar Ocidente.

Felizmente, podem agora os chineses saborear um filme de Charles Chaplin, podem ver Shakespeare no teatro, podem ouvir Beethoven. Não são já monstros proscritos da cultura burguesa, são «apenas» artistas de elevado mérito que uma certa revolução cultural não conseguiu aceitar. Esqueceu, aí, uma coisa: o valor insubstituível do património cultural que a tradição histórica nos lega, onde não há só coisas de má qualidade ou de má intenção. E esqueceu outra coisa: saem muitas vezes da cultura burguesa pequenas achas que ajudarão à fogueira onde ela se há-de queimar. Ela, a burguesia.

Mas a «civilização ocidental» que a China quer agora importar em dose industrial não se fica pelo Shakespeare, pelo Charlot, pelo Beethoven. Passa obrigatoriamente pela coca-cola, pela música enlatada, pela especulação da moda, pela publicidade, pela concorrência. A sociedade avançada que a China quer comprar é um produto «made in USA» onde se misturam complexos petroquímicos e marcas de refrigerantes, siderurgias e chapéus à cow-boy, auto-estradas e cassetes, máquinas agrícolas e ogivas nucleares.

À enormidade de uma política externa que não se percebe, melhor, que se percebe bem demais, cola-se agora um certo «progresso», uma certa «sociedade moderna».

Não há dúvida, a China quer entrar, sem disfarces e quanto antes, para o «clube». E está disposta a pagar não só a jóia de inscrição como todas as quotas em atraso...

O MAR CONTINUA A AVANÇAR

Eram três da manhã de terça-feira quando o mar voltou a atacar como há muito não o fazia. Em menos de meia hora, a força das ondas, acrescidas por um forte vento, ditou a sorte de pessoas e bens, destruindo grande parte dos passeios e do piso da rua 2, abalando ainda fortemente algumas casas, chegando a destruir pequenos barracos.

«Foi o pior que tenho visto nos últimos anos», diziam-nos, «uma coisa fantástica. Ainda há pouco puseram aqui para cima de quatrocentas toneladas de pedra e nem isso segurou o mar. Se ela cá não estivesse, então é que tinha sido».

Num rápido contacto com as entidades mais ligadas aos acontecimentos, soubemos que a Câmara estava a tentar tomar as medidas possíveis, contactando as autoridades centrais, capazes de intervir com outros meios. A PSP esteve também permanentemente nos locais mais atingidos, procurando criar condições para que as evacuações que foi preciso fazer se processassem sem grandes problemas. Por seu lado, também os bombeiros foram incansáveis, mobilizando as duas corporações da cidade cerca de 40 homens e meia dúzia de viaturas, escoando a água das caves inundadas, ajudando a carregar mobílias e a transportar haveres. Os serviços municipalizados também destacaram para a zona grande parte do seu pessoal, e o Regimento de Engenharia de Espinho pôs ao serviço algum do seu material.

De alguma maneira, tudo foi feito para minorar a situação das pessoas mais atingidas, mas à hora em que encerramos esta edição correm vozes de que novos momentos de perigo se vão viver com as próximas marés.

Pode portanto dizer-se que o movimento de apoio aos residentes na zona atingida foi eficaz na medida do possível, mas fica longe de poder resolver a verdadeira extensão dos problemas. Enquanto o estudo da solução definitiva continua a marcar passo, sabe--se lá até quando, nos gabinetes, a população tem que ir aguentando e esperando que o mar não avance demais. Mas é uma frágil segurança, perante o rigor do inverno que se tem abatido sobre o país. Para já há que acudir aos pontos mais atingidos, fazer a defesa possível e tomar outras medidas, como o combate à retirada de areia do litoral, sobretudo em S. Jacinto, que parece ser muito responsável pela actual situação. Mas não esquecendo que o estudo da costa e respectiva aplicação com as medidas necessárias é absolutamente imperioso que se concretize.

Era e não era e andava a lavrar...

Mudam-se os tempos, mudam-se os homens.

«Ó pá, sabes quem é Presidente de tal sociedade? Fulanol» «O quê?! Mas então ele não dizia que...» «Pois dizia que, dizia...»

«Sicrano anda agora tão orgulhoso com o emblema do partido tal na lapelal E ele, que sempre estivera do lado dos...»

«Queres saber a melhor? Beltrano foi convidado para Director do jornal tal». «E aceitou?» «Ai não, não aceitoul De resto, não é para estranhar. Então ele já não se tinha metido nisto e naquilo e naquilo, já não era presidente de A, vogal de B e membro de C, já não era um dos homens de confiança dos senhores X?» «Mas ele dizia tão mal dos senhores XI Quem o ouvia falar há uns anos ficava admirado com a coragem, aplaudia, apoiava. Agora é isto... Vida boa, não? Dinheiro? Prestígio? Ambição? Vaidade?» «Sei lá... Tristeza...»

Há gente que se compra e gente que se vende. Até há gente que está em saldo.

Há homens que são seus, de mais ninguém, e há homens que dão o nome ou a cabeça por um prato doirado de lentilhas.

Há homens que são sinceros quando é» e são sinceros quando amanhã dizem «isto não é». Porque, a umas pessoas, convém dizer «isto é»; a outras, convém dizer «isto não é».

Há homens que pregam o amor e a justiça mas se esquecem de assumir a responsabilidade de uma escolha — precisamente do lado do amor e da justiça. Porque não há só um lado, o de nós todos irmãos. «Ninguém pode servir a dois senhores». Logo, há dois senhores.

Há gente que vira ao Sul quando o vento sopra de Norte e vira ao Norte quando o vento sopra de Sul e que depois diz que nunca virou, o que virou foi o vento.

Há gente que é, e diz que é, e diz porque é; mas há gente que diz que é e não é e que sempre foi e nunca foi, e que esconde, e que se desculpa, e que se arranja.

Há gente grande e há gente pequena.

Há gente que mente.

continuação da página 1

ESCREVA CONNOSCO SOBRE HABITAÇÃO

1. De vez em quando fala-se com mais insistência num breve aumento das rendas. Desta feita, e dado que se conta com um governo particularmente activo no que diz respeito ao agravamento das condições de vida, é de temer que tal ameaça nõo se fique em promessa.

E que se trata de verdadeira ameaça à economia de muitas famílias ninguém duvida, mesmo aceitando que a actual situação pode estar a prejudicar seriamente alguns senhorios. Mas numa situação de injustiça social só os privilegiados escapam. Daí que seja importante a luta contra o aumento indiscriminado das rendas. É o que vem fazendo o SCAI (Secretariado Coordenador das Associações de Inquilinos), que lamenta em comunicado recente que em face da grave crise habitacional «se procure aumentar as rendas e não se adoptem medidas que obriguem o aluguer das casas vagas, que promovam o aproveitamento de casas degradadas ainda recuperáveis e que se não suspendam os despejos».

As associações de inquilinos declaram «ser por demais evidente que a política habitacional que interessa ao País tem de englobar múltiplos aspectos, que se interpenetram, e não, como se tem feito e quer continuar a fazer, adoptando medidas parcelares sempre em prejuízo dos inquilinos e das associações e cooperativas de moradores». O SCAI apela para a população no sentido de reclamar a criação, conforme prevê a Constituição, de um Serviço Nacional de Habitação, cujas bases as mesmas associações entregarão brevemente na Assembleia da República.

2. AOS SENHORIOS

Pelo amor de Deus — casal vindo de fora, em situação aflita e muito desesperada, busca apartamento, casa, andar ou cave até 3.500\$00. Urgentíssimo.

Jornal de Notícias, de 4-2-79

Uma esmola ou um direito?

OLYE

tregar para a construção do Viaduto. A SOLVER-DE acha demasiado o aumento da sua participação (mais 980 contos) que o Conselho da Inspecção de Jogos fixou com base no factor de correcção, conforme decreto, não se reconhecendo forçada a mais obrigações, só pelo facto do Casino trabalhar 12 meses em vez de seis.

E agora digam que somos uns exagerados e não temos razãol Há nitidamente um desvio do famoso desinteresse quando se não aceita um contributo maior, tendo a «loja» aberta o dobro do tempol

O comportamento da SOLVERDE poderá estar à beira das raias do escândalo, mas mais escandalosa ainda é a passividade dos responsáveis dos ministérios competentes, com a indecisão lesiva dos interesses do País e de Espinho.

Na evolução da Solverde, perante a cumplicidade de muitos, Espinho está a ser prejudicado, mas não será a nós que caberá a responsabilidade de se assistir com indiferença ao degradar de tantas «boas intenções» que acabarão muito maltratadas pela ganância.

Continuaremos a mostrar o jogo, desmascarando falsas jogadas beneficentes e desfazendo «sonhos lindos» criados para atirar areia a olhos desprevenidos.

HOSPITAL SEM OBRAS

continuação da página 1

Através de ofício, o Gabinete de Estudos de Planeamento acaba de informar a Comissão Instaladora do Hospital que «não é possível considerar a construção do hospital de Espinho no plano de investimentos para 1979». Isto porque o ministro teve que «reduzir ainda mais as dotações que inicialmente foram previstas», possivelmente devido aos substanciais cortes que o Orçamento do Estado prevê este ano no sector da saúde, onde tanto está ainda por fazer para garantir o direito constitucional dos cidadãos ao apoio necessário para cuidados médicos. Mas, à laia de compensação, sempre se vai dizendo que o programa de beneficiação do hospital estava previsto para 1980 ou 81, embora aos responsáveis locais sempre lhes tenham dito que seria este ano.

Tudo começou de facto em Novembro de 77, quando numa reunião em Lisboa, com a presença de muitas entidades responsáveis, foi aprovado, por unanimidade, o programa para o projecto do obras. Assim, o programa foi enviado para as Construções Hospitalares do Centro para lhe ser dado andamento.

Mas já em Março seguinte, o hospital tinha que insistir para saber como iam as coisas, pois de nada se sabia. Meses depois, mais uma reunião em Lisboa, provocada por um mal entendido das autoridades centrais que pensavam ter a Comissão Instaladora pedido revogação das obras. Esclarecidas as dúvidas quanto a essa estranha possibilidade, tudo continuou aparentemente no caminho da concretização, tanto mais que as construções hospitalares não tinham qualquer objecção a pôr.

E novo passo que parecia firme foi dado em Agosto do ano passado quando alguns técnicos das construções hospitalares visitaram o hospital e esta

continua na página 7

